

## RESENHA

Eduardo Ferreira Chagas

### **Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx**

Campinas, SP: Editora Phi, 2016, 226p.

Frederico Jorge Ferreira Costa<sup>1</sup>

Eduardo Ferreira Chagas possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, mestrado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e doutorado em Filosofia pela *Universität Kassel* na Alemanha. É professor efetivo do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FAGED - UFC. Coordenador do Grupo de Estudos Marxistas - GEM, vinculado ao Eixo Filosofia, Política e Educação. Atualmente, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 (CNPq). É Editor da *Revista Dialectus*. E dedica suas pesquisas ao estudo da filosofia política, da filosofia de Hegel, do idealismo alemão e de seus críticos, Feuerbach, Marx, Adorno e Habermas. É membro da *Internationale Gesellschaft der Feuerbach-Forscher* (Sociedade Internacional Feuerbach).

A síntese do currículo de Eduardo Chagas, acima posta, indica as ricas possibilidades teóricas do autor. Mas, isso não é tudo para compreendermos a importância do texto que iremos resenhar. Temos que ir além. Eduardo Chagas não é só um acadêmico competente. É um pesquisador marxista, com todo o peso que isso representa. De fato, ele não se caracteriza como um simples marxólogo. Eduardo Chagas milita na universidade sob a bandeira do marxismo. Porém, não é líder de nenhuma “igreja”, tão comum nos corredores acadêmicos. Ele não tem vocação para ser messias. Por isso, não se acompanha de seguidores, mas de pesquisadores que compartilham a plataforma de um marxismo baseado na liberdade de pesquisa e de divergência. Tal postura tem profundas implicações na obra a ser analisada.

O livro *Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx* é produto das pesquisas de Eduardo Chagas,

---

<sup>1</sup> Graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará (1996), Mestre Em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2000) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2007). Atualmente é professor adjunto da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará - FACEDI/UECE, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará - PPGE/UECE, professor do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social da Universidade Estadual do Ceará - MASS/UECE, membro do conselho editorial da Revista Outubro(São Paulo) (ISSN 1516-6333), editor da Revista Eletrônica Arma da Crítica (Fortaleza) (ISSN 19844735) e pesquisador-colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário. Líder do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE).

sob a perspectiva de um marxismo crítico e vivo. O resultado é um diálogo profícuo com as obras de Hegel, Spinoza, Feuerbach e Marx.

De maneira objetiva e fundamentada, Eduardo Chagas, trata de temas pouco desenvolvidos no Brasil como os conceitos de liberdade e natureza em Ludwig Feuerbach, ou mal explicitados como as categorias de método, subjetividade, indivíduo, religião, trabalho e política no pensamento de Karl Marx. Tais reflexões são essenciais como pressupostos para a constituição de um projeto de superação do capitalismo em crise.

A obra *Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx* está dividida em quatro capítulos articulados: *A recepção de Feuerbach ao panteísmo e às filosofias de Spinoza e Hegel*; *A crítica de Feuerbach à concepção teísta e idealista da natureza*; *Método, subjetividade, individualidade e crítica à religião em Marx* e *Trabalho e política em Marx*.

No primeiro capítulo, o autor destaca a recepção de Feuerbach ao panteísmo e às filosofias de Spinoza e Hegel, demonstrando como Feuerbach em sua obra *A razão una, universal e infinita*, procura superar por meio do panteísmo o dualismo entre o espírito e a natureza, o que representa uma negação da subjetividade individual, abstrata, e da personalidade como determinação de Deus. Segundo Eduardo Chagas há um direcionamento de Feuerbach para a natureza, em clara oposição à teologia cristã-monoteísta, que manifesta um desprezo pela natureza. Em movimento contrário, o filósofo alemão, no texto citado, trata a natureza, a matéria, panteisticamente, em unidade com Deus ou com o espírito. Também, é indicado noutro texto de Feuerbach – *Pensamentos sobre a morte e a imortalidade* – a apresentação de um conceito duplo de natureza: a) a natureza como possibilidade e condição de toda existência no espaço e no tempo e, b) a natureza como instância de negação de todo ser. Depois, com maestria, Eduardo Chagas explica a importância de Spinoza e as relações teóricas de Feuerbach com ele. Tal texto possui uma importância basilar para a compreensão de um humanismo que busque superar as limitações da substância do discurso religioso, tão em voga nos nossos dias e com consequências muitas vezes deletérias para a unidade do gênero humano.

No segundo capítulo, Eduardo Chagas explicita a crítica de Feuerbach às concepções teístas e idealistas da natureza. Para isso, o autor apreende aproximadamente o conceito de natureza em Feuerbach, que se apresenta fragmentariamente em sua obra. Com argúcia, Chagas apresenta a tese de que a natureza para Ludwig Feuerbach é um existente autônomo e independente, possuindo primazia sobre o espírito. Tal afirmação é revolucionária e desconstrói a negação da natureza realizada pela teologia cristã, que deprecia a dimensão natural-sensível da substância humana em função de um espírito abstrato. Por fim, Eduardo Chagas indica os contornos da Ética de Feuerbach, que acusa toda ética apriorística, sem cair no determinismo ou na negação da vontade. Esse resgate

realizado pelo filósofo cearense é salutar para os debates atuais relacionados à conexão humanidade-capital-natureza, ou seja, no sentido de tirar consequências radicais do lugar do homem na natureza, sem as mediações fictícias postas pela especulação teísta e idealista.

No terceiro capítulo, que entendo ser o que mais se destaca, Eduardo Chagas demonstra coragem como pesquisador e domínio da obra marxiana. Em um só texto o autor consegue articular em uma totalidade articulada os conceitos de método, subjetividade, individualidade e crítica da religião em Marx. Quanto ao método dialético de Marx, o autor põe em destaque sua dimensão dupla, investigação e exposição, lastreada na busca da reprodução do real, o que o distancia do positivismo e da especulação idealista. Em relação à problemática da subjetividade em Marx, Eduardo Chagas, partindo das categorias reflexivas de objetividade e subjetividade indica a superação marxiana do indivíduo isolado, abstrato, indiferente, egoísta, individualista, próprio da sociedade capitalista. Superação dialética que apanha o indivíduo em sua concretude, como produto de sua atividade social que tem como fundamento o trabalho. Por último, é apresentada a crítica da religião feita por Marx, a qual não confunde o fenômeno religioso com idolatria ou “ópio”. Segundo o autor, devidamente fundamentado, a atitude de Marx perante a religião não é de desprezo, de proibição ou de perseguição nem tampouco de negação geral. A religião é assunto privado. No entanto, deve ser desvelada sua natureza e suas ligações com o poder político e a opressão social.

115

Nas páginas do capítulo final, Eduardo Chagas trata da determinação dupla do trabalho e da política no pensamento de Marx. Primeiro apresenta a concepção de trabalho em Hegel e Marx, indicando como este último percebe a positividade e negatividade presente historicamente no trabalho. Mas, o autor não para nesse ponto. Mergulha na obra marxiana para indicar a dialética entre trabalho útil-concreto e trabalho abstrato, “trabalho morto” e autovalorização do valor, demonstrando as possibilidades do trabalho vivo (positivo) sem as amarras do capital. Essa duplicidade presente na atividade humana original também se manifesta na esfera tecnológica, é o que lembra Eduardo Chagas com propriedade. Encerrando o texto, o autor levanta a tese polêmica, o que revela a seriedade de sua pesquisa, de duplicidade da política em Marx. Nos termos postos a política não expressaria apenas a dimensão negativa do poder do homem sobre o homem, mas teria um aspecto universal-humano ineliminável ao homem e à sua comunidade. Essa dimensão fundamental não deve ser confundida com a política liberal-burguesa típica da sociabilidade regida pelo capital.

O livro *Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx* não deve apenas ser lido, deve ser estudado e debatido, pois além de revelar um pensamento original traz um conjunto de proposições importantes para o pensamento crítico em nosso país.